

## **EXPLORANDO AS CONEXÕES ENTRE O CONCEITO DE "OLHAR Opositor" DE BELL HOOKS E A REPORTAGEM ESCRITA POR LENA FRIAS SOBRE O MOVIMENTO BLACK RIO: Resistência e Representatividade<sup>1</sup>**

Grazi Godwin<sup>2</sup>

Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

### **RESUMO:**

Este trabalho tem como objetivo analisar as intersecções entre o conceito de "olhar opositor", proposto por bell hooks, e a reportagem escrita pela jornalista Lena Frias sobre o movimento Black Rio na década de 70. O "olhar opositor" refere-se à perspectiva crítica e consciente que desafia as estruturas de opressão pelo viés racial, enquanto a reportagem sobre o Black Rio retrata o que foi o Movimento na perspectiva da afirmação da identidade negra. Esta pesquisa buscou destacar as formas, através do processo metodológico da Análise de Conteúdo, pelas quais a reportagem encarnou o "olhar opositor" como uma ferramenta de resistência e representatividade.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Jornalismo; Black Rio; Mulheres Negras.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa estabelecer relações entre o conceito de “Olhar Opositor”, da autora bell hooks, com a reportagem sobre o Movimento Black Rio, escrita em 1976 por Lena Frias, jornalista cultural do Jornal do Brasil. No livro “Olhares Negros”, bell hooks nos apresenta este conceito no sétimo capítulo, intitulado “O Olhar Opositor: Mulheres Negras Espectadoras”. Segundo a autora, as mulheres

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Comunicação, Política e Cidadania”, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da UFMT; e-mail: [grazigodwin@gmail.com](mailto:grazigodwin@gmail.com)

negras, além de serem mal representadas dentro do universo cinematográfico, também são colocadas em um lugar subalterno na representação, ou em um não-lugar. Essa tese é confirmada pela maioria das entrevistadas por bell hooks para sua pesquisa, na qual todas são mulheres pretas.

No início do texto, a autora afirma que na “política da escravidão, das relações de poder racializadas, eram tais que aos escravos era negado o direito de olhar” (hooks, p. 138). Assim,

Subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que “olha” para registrar, aquele que é opositor. Na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar “consciência” politiza as relações de “olhar” — a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência. (hooks, 2019, p. 184)

É a partir dessa resistência em olhar que a mulher negra adota o olhar opositor, ou seja, adota um olhar crítico sobre as coisas que observa. Em justaposição à obra de bell hooks, abordamos neste trabalho a reportagem “O Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil”, escrita pela jornalista Marlene Ferreira Frias, mais conhecida como Lena Frias. A reportagem foi publicada como matéria de capa do Caderno B, a editoria de Cultura 1 do carioca Jornal do Brasil, em 17 de julho de 1976.

Nascida em 1944 e falecida em 2004, Frias foi uma das poucas mulheres negras a integrar o time de jornalistas do JB durante os anos 70. Ela escrevia sobre cultura com muito afinco e paixão e apreciava vários aspectos da cultura negra, como o choro e o samba, manifestações culturais afro-brasileiras (REDEH, 2003).

Em 1976, Frias foi às ruas da capital do Rio de Janeiro para compreender melhor o Black Rio, movimento cultural dos anos 1970, formado por pessoas pretas e que desestabilizou o *status quo* na cidade e em diversas outras regiões do país. Frias não só reportou sobre o Movimento, como também viveu o Black Rio, frequentando as ruas e os bailes com os jovens por um bom tempo. Na reportagem, Lena Frias enquadrou o Movimento sem a estereotipização que outros jornais costumavam fazer e ao mesmo tempo denunciou o racismo que a sociedade carioca insistia em esconder.

## **METODOLOGIA**

Neste trabalho é usada a metodologia de Análise de Conteúdo como percurso metodológico, uma vez que “no campo da comunicação, um bom material para ser analisado com essa técnica são as entrevistas jornalísticas, filmes, programas radiofônicos e anúncios publicitários.” (FONSECA, 2010, p. 302). Segundo o autor, o objeto a ser analisado, no caso a reportagem de Frias, fornece as informações necessárias para a sua compreensão.

Utilizaremos para a análise a ideia presente na categoria metodológica da análise de conteúdo a “análise de enunciação”. Para Wilson Fonseca (2010), essa estratégia tem como principal característica apoiar-se numa concepção de discurso como palavra em ato, o discurso revelando intenções do seu autor, muitas vezes marcado por um atravessamento ideológico.

Enquanto a análise de conteúdo considera o material de estudo como um dado, a análise da enunciação considera a produção da palavra como um processo. O discurso não é um produto acabado, mas um momento em um processo de elaboração: “no campo da comunicação, um bom material para ser analisado com essa técnica são as entrevistas jornalísticas, filmes, programas radiofônicos e anúncios publicitários.” (FONSECA, 2010, p. 302).

A partir da proposição acima, entendemos que a reportagem escolhida forma o *corpus* desta pesquisa, pois possui elementos-chave que podem ser analisados com essa proposta metodológica. Com esse gesto, pretendemos demonstrar como a escrita de Lena Frias confronta os problemas raciais, evidenciando na prática o conceito de olhar opositor de bell hooks.

## **PRINCIPAIS RESULTADOS**

O título (O Orgulho [Importado] de Ser Negro no Brasil) gera impacto no leitor e aguça a vontade de conhecer mais sobre esse baile *black*. O título também faz uma provocação ao Movimento: ao escrever a palavra ‘importado’ entre parênteses, se referindo ao orgulho negro dos participantes dos bailes *black*, a jornalista induz o leitor a se questionar de que forma esse orgulho é importado, o que gera curiosidade, um convite maior para a leitura. Desta maneira, Frias, mulher preta, insere seu olhar

opositor sobre o Movimento, indagando, de forma muito sutil, sua criticidade sobre o Black Rio ter raízes e inspirações estadunidenses.

Frias dá abertura a sua reportagem com a afirmação que “uma cidade de cultura própria desenvolve-se dentro do Rio”, uma referência concisa à novidade cultural suburbana que agitou todo o Rio de Janeiro na década de 70. Com isso, faz várias provocações em tom de dúvida na tentativa de provocar o leitor a refletir o porquê de o Black Rio estar sendo esquecido ou ignorado. Ela continua dizendo que a população fora desse nicho “desconhece ou ignora” o Movimento. Logo em seguida, uma crítica sutil para a sociedade carioca: já que esta desconhece ou ignora o desenvolvimento de uma nova cultura que surge diante de seus próprios olhos, isso só poderia se dar pelo fato de que essa parcela da sociedade “só sabe reconhecer, além de uniformes e clichês, as gírias e modismos da Zona Sul”. Neste trecho já fica claro o uso do olhar opositor sobre a forma como a parcela branca e abastada da sociedade lida com as manifestações culturais que não são produzidas por ela mesma. Frias critica o fato de a própria sociedade ignorar o entorno mais pobre que, no caso, é a região suburbana onde o Black Rio se instalou inicialmente.

A reportagem segue no tom de provocação, mas agora voltada aos negros, ao afirmar que “essa população [...] não tem samba e feijoada entre suas manifestações cotidianas e folclóricas. Embora possa até gostar de samba e de feijoada como qualquer estrangeiro gosta” (FRIAS, 1976).

Uma população cujos olhos e cujos interesses voltam-se para os modelos nada brasileiros” (FRIAS, 1976). Aqui, a autora sintetiza o caráter ‘sincretizante’ do Movimento Black Rio, mas em forma de crítica. Ou seja, os *blacks* não abandonaram por completo a cultura na qual cresceram e da qual fazem parte, mas adotaram elementos estilísticos proveniente dos negros estadunidenses em suas vivências. Isso nos leva às brechas dentro das relações de poder e contrapoder que hooks analisa em seu texto quando cita Foucault: mesmo diante o olhar racista da sociedade branca do Rio de Janeiro sobre o negro que samba ou sobre o negro que dança ao som de ‘Shaft’, a comunidade negra olha pra si mesma e percebe que experienciar ambas manifestações culturais fazem parte de sua negritude e que uma coisa não anula a outra.

Ao olharmos e nos vermos, nós (...) nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro. (hooks, p. 203)

A forma intimista como Lena Frias escreve o texto dá a sensação de que o leitor está acompanhando simultaneamente todo o seu trajeto: onde estava, com quem e o que estava acontecendo. O estilo da escrita remete a um diário, criando uma proximidade entre jornalista e leitor. Assim, ela imprime uma profundidade em sua matéria a partir das próprias vivências dentro da comunidade *black*, o que hoje nomeamos “lugar de fala”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que bell hooks se refira às mulheres negras (pelo menos na maior parte do texto) quando aborda o que chama de olhar opositor não significa que o conceito não possa ser empregado em um movimento negro cultural que surgiu a partir de homens. Por se tratar da raça, o conceito de olhar opositor vem de encontro às questões postas nas análises deste trabalho.

O fato de uma mulher preta escrever sobre o Black Rio diz muito sobre o resultado da reportagem publicada, um marco no jornalismo negro nacional e estudado em diversas obras, com impacto ainda hoje para quem a lê. Livre de estereótipos, “Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil” nos envolve na leitura, permitindo entender melhor o que foi o Movimento Black Rio, mas indo muito além. Ainda que a reportagem não tenha explorado o lugar que a mulher preta tinha dentro do Movimento (se é que ela tinha), o olhar opositor da autora sobre a sociedade branca carioca da zona Sul, seus aparatos de repressão sobre a população jovem e negra (como o segurança citado) e a própria comunidade negra e periférica que sentia e expressava o racismo estrutural, ainda que não conseguisse elaborá-lo de forma completa, demonstra a importância da diversidade na produção jornalística.

bell hooks e Lena Frias tinham muito em comum. A negritude, o gênero e a geolocalização na periferia do capitalismo são fatores que fortemente interligam um ser

humano a outro. Neste sentido, o olhar opositor envolve os respectivos trabalhos: acadêmicos e jornalísticos. “Ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: “Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade” (hooks, p. 183).

## REFERÊNCIAS

FRIAS, Lena. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil - Black Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 17, julho de 1976.

hooks, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. Editora Elefante, 2019.

LEAB, Daniel. **From Sambo to Superspade: The Black Experience in Motion Pictures**. Boston: Houghton Mifflin, 1975.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. **A cena musical da Black Rio: estilos e mediações nos bailes soul dos anos 1970**. Salvador: Edufba, 2018.

REDEH. **Mulher 500 anos atrás dos panos**. Visto em 14/07/2023. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/lena-frias-1944-2004/#:~:text=Descri%C3%A7%C3%A3o%3A,a%20cultura%20brasileira%20em%20geral> . Acesso em 19, Dez. 2023.

SILVA, Kamila Dinucci Correia. Quando os passos movimentam a diáspora: O Movimento Black Rio e o legado político-cultural do black soul (1970 – 1980). **Revista TEL**, UEPG, v. 14, nº 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/21989>. Acesso em 19, Dez. 2023.